

GUERRA FRATRICIDA NA CULTURA SOB A MAIS FALSA CRISE

FRATRICIDAL WARFARE IN CULTURE UNDER THE MOST FALSE
CRISIS

Dirceu Villa*

* dirceuvilla@yahoo.com
Mestrado e doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês
pela Universidade de São Paulo.

RESUMO: Este artigo busca propor opções de diálogo mais abertas entre os vários setores da cultura na localização de interesses comuns mesmo, ou sobretudo, dentro das diferenças de opinião, para não apenas fazer frente a um crescimento das tendências totalitárias no mundo, mas também assinalar a necessidade dramática de mudanças estruturais dentro do aparato cultural a ser preservado dos ataques recentes de políticas destruidoras.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; crise; política cultural; universidade; diversidade.

ABSTRACT: This article aims to propose more opened options of dialogue between the numerous cultural areas by finding common ground even, or especially, into the differences of opinion, not only to counter the growth in totalitarian tendencies around the world, but also to point out the dramatic need for structural changes inside the very cultural apparatus to be preserved from the recent attacks of destructive politics.

KEYWORDS: Literature; crisis; cultural politics; university; diversity.

Lembro-me de uma visão muito significativa e horrível, cuja data é 2009, há dez anos, portanto: ajudava um colega na USP que acabara de ser alvejado por uma bala de borracha da tropa de choque da polícia, vinda para reprimir as manifestações de greve contra mais um dos múltiplos atos governamentais francamente destruidores da universidade pública estadual. O rapaz tinha um enorme hematoma arroxado do lado direito de seu corpo, e a fumaça no campus já tornava difícil qualquer reação mais coerente do grupo de pessoas, não fosse uma de duas: confronto cego ou fuga. Os estudantes, incluindo este que vos fala, não estavam armados e não eram perigosos.

Em 2016 fui chamado, por um grupo de poetas brasileiras, para o notável evento *Sou Poeta*, que enfrentava a frequente — e estúpida — desproporção comum em festivais de literatura no Brasil, desproporção que pende, em quantidade sólida, sempre para o sexo masculino. Fizeram, portanto, um evento cuja esmagadora maioria de pessoas convidadas era do sexo feminino. Eu e o professor de italiano da USP, e tradutor, Maurício Santana Dias tivemos a honra de ser os únicos do sexo masculino convidados a falar nos encontros. Comentei, no evento, especificamente sobre o mecanismo de escamotear as escritoras (mecanismo que, como se pode imaginar, tem séculos de prática assídua no ocidente) e utilizei como exemplo o caso da poeta

portuguesa, a Marquesa de Alorna, do século XVIII, sobre a qual já havia escrito artigo alguns anos antes.

Por que começo um texto sobre crise na cultura com experiências pessoais aparentemente descoladas do assunto em causa?

Recentemente tem sido muito fácil e rápido que dois lados de uma discussão comecem a se enfrentar sem sequer ter qualquer noção de quem fala, por que fala e com que finalidade: o pressuposto do *inimigo*, hoje, está por toda parte, como sempre acontece em períodos que antecedem, ou são de fato, o totalitarismo. E preciso dizer isso porque em parte vou discordar da postura acadêmica antiquada, que resiste a uma necessária reavaliação do cânone (entre outras coisas), e em parte vou discordar daqueles que propõem uma revisão de cânone baseada em questões de substituição ideológica.

A academia, a universidade, os poderes institucionais na cultura têm sido os principais inimigos de si mesmos: se a missão das universidades é *conservar, gerar e difundir* conhecimento, e isso desde que foram inventadas (pode-se discutir se começaram com a Escola de Atenas, se começaram nas imitações da academia platônica que se espalharam pela Itália nos séculos XV e XVI, e tiveram no *Studio fiorentino* modelo exemplar, etc.), é seguro afirmar que se

perderam desses ideais ao sistematizar sua burocracia e se ver inevitavelmente submetidas a regulações imprestáveis de um ministério qualquer, e de secretarias estaduais, assim como as universidades privadas sofrem com o condicionamento ideológico e logístico do dinheiro privado. As agendas políticas desfiguram as universidades impregnando-as de crassa estupidez letárgica (e litúrgica) que favorece frequentemente o tipo carreirista, sem claras convicções intelectuais, e favorece também uma política interna de favores entre poderes definidos num esquema hierárquico, servindo-se e alimentando-se mutuamente.

O resultado é, de modo prático, que se torna difícil, nesse âmbito, haver institucionalmente força suficiente para lidar com os pontos acima descritos como a missão ideal da universidade, ou mesmo para defendê-la dos ataques externos: o esquema de hierarquia burocrática e a falsa autonomia em relação aos governos dificulta o foco no conhecimento. Os muito conservadores, assim, costumam impor sua linha de pensamento, e daí o pensamento nas universidades perdeu o dinamismo necessário para executar suas três complexas missões. Muita burocracia nos ombros de professores também deixa pouco tempo para leitura efetiva, para a loooooonga assimilação de matéria complexa e para o absolutamente fundamental (mas desprezado em sociedades utilitárias e totalitárias) *otium cum*

dignitate. Não ajuda, também, o fato de que o método da escrita acadêmica tenha se congelado numa atitude genuflexória diante de autoridades.

Tenho outra pequena história pessoal bastante ilustrativa.

Quando cursava a graduação levei uma canção de Peire Vidal — trovador occitânico do século XII que havia traduzido — para que uma professora avaliasse as chances de sua publicação em revista. O poema, com apresentação bilíngue, era precedido por um pequenino artigo meu, e nesse artigo, a certa altura, afirmava que numerosos textos medievais, em prosa ou verso, eram escritos com sintaxe aditiva: textos sobretudo paratáticos. A professora leu e chamou a minha atenção para o fato de que o afirmara sem puxar nota de rodapé onde indicasse qual autoridade havia lido para dizê-lo. “Li uma bela pilha de textos medievais, a mostragem suficiente para afirmar isso *moi-même*”, o que, segundo ela, não bastaria para apaziguar os deuses da burocracia acadêmica: teria de citar alguém. Recolhi meu texto e caí fora: não contra a professora, de resto simpática à minha causa, mas contra o sistema.

Não acredito que o meu tenha sido um gesto isolado: eu o suponho sempre em pessoas minimamente inteligentes que se vejam desencorajadas a fazer o que sabem, quando

existe um critério ofuscante que as obriga a se meter dentro de um sistema com o qual tenham discordâncias não apenas superficiais, mas de fundo; e também considero que o sistema acadêmico deveria mostrar miolos e energia suficientes para discutir o que quer que se proponha, sem a necessidade de alguém ter o gesto supercilioso de ir caçar em algum medievalista a citaçãozinha reconfortante para a leitura *inter pares*.

Corolário: é um sistema insensato e contraproducente, não premia nem a inteligência nem a originalidade, sequer a saudável ingenuidade de um desafio ousado.

Não obstante, não ofereço isso como argumento para políticos abutres que estão, há mais de 25 anos, ativamente massacrando a universidade pública, e que desse massacre depois desejam catar os pedaços e vender para a iniciativa privada aquilo que servir de negócio para o *mercado de trabalho* (o novo nome do *mercado de escravos*): ao contrário, afirmo que parte substancial da culpa de as coisas terem chegado a esse ponto foi exemplificada com a minha singela cena de ostensiva *violência policial* no começo deste texto; é *violência institucional*, também, e deveria haver pelo menos algumas dezenas de advogados fazendo dinheiro contra o governo em processos maciços de ingerência da *res publica*. Já o transformar educação pública em privada significa, de modo explícito, afastar a maior parte da

população da possibilidade de chegar ao conhecimento, e de haver mobilidade social; e significa igualmente desabilitar a independência do pensamento, o desinteresse da pesquisa, e submeter ambas as coisas a quem põe seu capital privado com objetivos específicos, por exemplo: o complexo armamentista, a indústria farmacêutica, os bancos, os superpoderes tecnológicos, e assim por diante.

Mas o fato de certos governos cumula rem a universidade de burrocracia, por outro lado, demonstra porque em muitos aspectos a universidade também se tornou um paquiderme mentalmente imóvel, e é interessante notar como muitas vezes independentes nas universidades são engolidas precisamente pela burrocracia política que as infesta. O que significa, também, que os conservadores lá, em geral *muy* institucionais, não terão a mais amável das atitudes quando alguém vier cutucando a imobilidade insensível de um cânone, seja por motivos contundentes de ensino, seja por motivos não menos contundentes de qualidade.

E eis aí porque penso que o assunto não tenha nem remotamente a ver com a *querelle des anciens et des modernes*: na França do século XVII a questão era efetivamente intelectual, eram uns conservas horripilantes se batendo contra uns tontos metidos a novidade. Cada lado defenderia suas ideias de um modo previamente codificado pela civilidade antiga, mesmo quando recorria ao gesto colorido do

insulto. No nosso caso, neste século XXI, a questão infelizmente é tão mais elementar que chega a ser frustrante e constrangedor reconhecer a inanição básica dos nossos problemas, como disse no título, *fratricidas*.

Portanto, devo dizer também de coisas que se fizeram e fazem sob o nome de *estudos culturais*, de *pós-colonialismo* e *estudos identitários*, já também dentro da universidade, e que se apresentam como setores progressistas: todos necessários, e em não poucas ocasiões (uma delas apareceu acima como rápida história) ofereci contribuição a eles. Meu pós-doutorado, não por acaso, foi uma revisão completa do cânone de poesia em língua portuguesa: assim como sustento a necessidade da existência pujante da universidade — por vezes com a minha própria pele contra a desgraça iminente —, sustento a necessidade de estudos que quebrem a modorra infernal daquilo que ela por vezes se tornou, e que se sumariza numa frase do personagem Jorge de Burgos (nome baseado, *natürlich*, em Jorge Luís Borges) em *O Nome da Rosa*: “piedosa recapitulação”.

Mas utilizar método ideológico e não qualitativo para produzir substituições, ao invés de se discutir a qualidade do que *vai* no cânone (e a qualidade daquilo que ainda *não foi*), é contraproducente, porque nada — nada mesmo — dentro de uns poucos anos falará a favor de quem fez o gesto absurdo de substituir *qualidade* por *política*, e nem

importa se, apenas como gesto político, estivesse certo. Como hipótese: não retiro Shakespeare do cânone porque ele possa ter sido branco, do sexo masculino e nascido em um centro imperial que difundiu de modo igualmente imperial sua língua e sua cultura. Uma guerra ideológica não deixa sobreviventes, porque ao fim a pergunta sensata acabaria sendo: onde vamos traçar a linha divisória do nosso novo censo educacional? O que é de suficiente correção ideológica para entrar no cânone? Onde se determina o que sai e o que fica, se nosso argumento é político?

Isso é desaconselhável, indesejável e resulta numa tragicomédia, se realizado. Trata-se da oposição simétrica da patrulha ideológica de extrema-direita que hoje (hoje, mesmo) volta a fazer das suas.

O que é preciso afirmar, e sobre o que já estamos agindo: há, de modo escandaloso e indecente, uma falta de representação da diferença nos cânones. Isso é um fato. E onde se percebe isso é também na qualidade textual, porque não há explicação tecnicamente aceitável, nem consistentemente persuasiva, para que muito texto excelente não esteja no cânone. Mas, naquela hipótese acima: Aphra Behn deveria constar, não contra Shakespeare, mas junto dele, por exemplo; assim como a Marquesa de Alorna não deve desalojar Bocage (eram, além do mais, bons amigos). E que um poeta das Índias Ocidentais, negro, era, até bater suas botas, o

melhor poeta vivo de língua inglesa: Derek Walcott. E um bom número de etc.

Se as antigas exclusões são políticas e não literárias, se escamotear é um modo de efetuar o gesto de normatização de uma proposta sempre orwelliana de normalidade, a reação não pode ser a inversão simétrica disso, isto é: não pode fazer o mesmo, apenas invertendo os sinais.

Pois também: Louis Ferdinand Céline era um nazista francês e acreditava nas teses de Lombroso sobre a inferioridade dita *racial*, lida nas medidas do crânio. Não obstante, escreveu um dos melhores romances do século XX, *Voyage au bout de la nuit*; Ezra Pound fez transmissões de rádio a partir da Radio Roma, fascista, durante a Segunda Guerra, de conteúdo francamente antisemita (de que se arrepenharia depois, falando em Veneza, em 1967, com o poeta gay, judeu-americano, budista e beatnik, Allen Ginsberg, que admirava o poeta mais velho) e escreveu *The Cantos*, talvez o poema mais importante do século XX; Ayn Rand escreveu um colossal romance que endossa modelos político-ideológicos de extrema-direita e conceitos certamente imbecis se aplicados na sociedade, por seu partidarismo de uma corrente molemente filosófica cuja melhor definição é o puro & simples *egoísmo*, e a defesa dos caprichos do capital privado e das corporações contra as leis e o Estado, que vemos hoje devastando o mundo. Vamos deixar de lê-la?

Ou deixar de ler Gertrude Stein, que traduziu textos do Marechal Pétain, colaboracionista francês dos nazistas (e recentemente homenageado pelo presidente Macron, o que, aí sim, me parece perigoso)?

Não é, sequer de longe, uma proposta de esquecer ou apagar as monstruosidades ditas ou cometidas por quem quer que seja, mas o constatar de uma necessidade de exposição a, exploração e compreensão de circunstâncias pessoais e históricas de autores, autoras e obras cuja qualidade se renova sempre. Por outro lado, imagine-se o crítico pudico que se recusa a ler Safo de Lesbos porque, afinal de contas, lá está, até no nome, *Lesbos*. Ou o gesto de Mendes dos Remédios (alguns nomes são de matar) ao compilar uma antologia do poeta português do século XVII, Dom Tomás de Noronha, quando ao fazê-lo põe reticências no lugar onde deveriam estar as palavras *puta*, *cu*, e outras, por julgar, moralista, o que é para ele *decência*? E, no caso brasileiro, onde a questão do cânone tem infinitos problemas muito sérios, como entender que Sousândrade não seja foco de intenso estudo desde que os poetas concretos e Luiz Costa Lima o reaperentaram, em meados do século passado?

Há centenas, mesmo milhares de exemplos; é possível fazer uma lista com páginas e mais páginas de casos aberrantes, escandalosos como esses. Vamos deixar de ler esses e outros escritores e escritoras fundamentais porque há

gente de menos talento e mais ajuste ao que consideramos o ideal de comportamento? Ou porque, ao contrário, são esquisitos demais e normativos de menos para se ler? Se queremos ensinar virtude, ou adequação a qualquer modelo social que imaginemos, bom ou mau, estamos fora da órbita da arte, porque a arte é e deve ser (argumento em que estaremos todos de acordo, suponho) *diversidade*.

A História, significando para aquele tipo de argumento antiquado o que tenha restado *inconscientemente* da ruína dos séculos, é o que acham que se deve preservar — como se não houvesse uma decisão discutível, política e cultural, naquilo que nos vem, e especificamente no Brasil, desde que alguém se deu ao trabalho de organizar uma antologia, datando mais ou menos de meados dos séculos XVIII e XIX, e deixou de fora não apenas autores realmente notáveis entre machos brancos, mas quase toda mulher, negro e índio: já mencionei Sousândrade, mas lembremos de Luiz Gama (em particular “A Bodarrada”, que deveria estar em toda antologia de poesia brasileira, como sabia Manuel Bandeira), ou do poema “Escravocratas”, de Cruz e Sousa (leem-se muito mais os poemas nos quais exerceu um tipo de clichê finissecular inosso do chamado Simbolismo), toda poesia iorubá (que começou a ser resgatada recentemente, entre outros, por Antonio Risério em *Oriki Orixá*), e toda a poesia em língua indígena (que vemos representada, por exemplo,

na primeira parte da antologia *La Poésie du Brésil*, publicada na França em 2012, com auxílio do Ministério da Cultura e da Fundação Biblioteca Nacional, e organizada por Max de Carvalho).

São apenas uns poucos, breves exemplos de coisas sintomáticas *en passant*.

Escolha, em estudos literários, tem sentido específico. História, como sabemos desde sempre e vemos hoje nas tentativas obscenas (mas até agora bem-sucedidas) de encobrimento da extrema-direita, não é uma força da natureza: é fruto paciente de muito estudo, de talento, de conhecimento também filosófico, de muita documentação, de anos e anos de dedicação, com ênfase em um gosto por verdade, e costuma correr o risco de obscurantismo quando, não raro, criminosos querem esconder os rastros de suas patas sujas. O corte de 30% das verbas para as universidades federais, acompanhado pelo pavor político das ciências humanas, pelo ataque institucional agora sem nenhum tipo de disfarce à educação e à cultura é apenas o mais recente (vai piorar, ainda) gesto fascista em moda.

E então eu digo de um modo realmente amplo: o que alguém *pessoalmente* quer ou não quer ler, o que uma pessoa tenha motivos aliás contundentes para querer *pessoalmente* evitar é, como ênfase aqui mesmo, questão pessoal, e

respeitável, sempre. Mas a única coisa que a crítica de arte e a de literatura devem fazer é se concentrar no registro da percepção, sem, obviamente, esconder a ideologia inerente a cada obra. Por quê? Porque escolher qual percepção nos agrada é ficar, até cientificamente, sem metade do relatório. É como a mania das redes sociais tem feito: dotar o processo de um algoritmo que mantém o que deveria ser critério num *feedback loop* de personalidade, num *feedback loop* do já conhecido e aceito, na reprodução das convicções em desfile diante de quem já as tem. A monocultura mental do público-alvo, que mata não apenas a imaginação, mas a própria habilidade crítica.

Percepção é democrática, naturalmente democrática: uma família muito rica pode enviar seu pimpolho para as melhores escolas do planeta, mas nada irá dotá-lo de engenho se já não o trouxer em si. A escola poderá entupir, com mais ou menos sucesso, sua cabeça de conceitos bons ou maus, mas talento não se desenvolve assim. Talento surge com indiferença total a posição social, sexo, cor de pele, idade, religião (ou não), país de origem, orientação ideológica, caráter, época, saúde, etc. E a prova está explicitamente em toda parte.

A literatura só está em perigo, a cultura ocidental só está em declínio e a disciplina dos estudos literários só morreu porque ninguém se ocupou da vida vibrante dela na

diferença, na mutabilidade permanente de seus processos, o que vemos agora travado na atitude da extrema-direita europeia (e das Américas) retroagindo aos piores momentos de conversa de limpeza étnica desde a Segunda Guerra: e temos coveiros de sobra entre teóricos, críticos, professores, escritores e editores. Todo mundo só pensa em morte, e nesse caso recomendaria psicanálise, se a psicanálise ela-mesma já não houvesse engolido uma porção considerável dos estudos literários. E isso sem contar os coveiros habituais de educação e cultura, que não poucas vezes são as pessoas no topo das posições político-administrativas, de mando, e que em geral chegaram lá justamente por esse motivo: como escreveu certa vez Darcy Ribeiro — e é bom sempre lembrar —, a crise da educação no Brasil não é *crise*, é *projeto*.

O nosso mundo (não apenas o Brasil) caminha a passos largos para um mergulho de cabeça em um tipo de fascismo multiplicado por mil. Parte do objetivo de quem está encabeçando (não uso a palavra duas vezes de modo impensado) o projeto atual desde, ao menos, 1997, é instaurar um tipo de divisão fratricida na sociedade que poupe seus arquitetos de tomar nas mãos bélicas as rédeas desse apocalipse: pretendem que as pessoas voluntariamente matem-se umas às outras.

Para isso, incitam batalhas ideológicas microscópicas no tecido social, prendem, matam e exilam líderes populares, cortam verbas para programas sociais e educação, atacam a diferença e liberam armas de fogo, compondo legislação pontualmente para servir ao desígnio de, em uma palavra, *extermínio*. No início aquela divisão parece somente ideológica, com o auxílio normalizante das mídias; ela depois se agrava porque o pior da ideologia passa a realidade factual normalizada, e os grupos se excluem mutuamente dentro de famílias, rodas de amigos, colegas de trabalho, bandos de intelectuais, etc; daí a divisão passa a ser hostilidade, e da hostilidade saltará facilmente ao conflito.

Já está saltando.

A educação e a cultura são atacadas agora e, honestamente, as pessoas envolvidas nas duas coisas já se encontram tão divididas, exaustas, deprimidas e perplexas, que o trabalho de aniquilar educação e cultura não tem sido complicado para os velhos abutres. Não importa o que pensemos, no nosso particular amor por um aspecto da arte, da cultura, da educação: em breve estaremos lidando com a mera sobrevivência da própria pele, enquanto os que ainda têm alguma força estarão ainda se engalfinhando por ninharias. Diria Yeats em seu poema apocalíptico, “The Second Coming”: *The best lack all conviction, while the worst/ Are full of passionate intensity* (Aos melhores falta de toda a convicção,

enquanto os piores/Estão cheios de apaixonada intensidade). Yeats também chegou a ter estranhas simpatias vez ou outra, já o deixo assinalado.

O que quero dizer é: há várias pessoas muito inteligentes e necessárias, seja entre os conservadores, seja entre os progressistas — as duas categorias amplas não significam inteiramente suas complexidades de espessura capilar —, e por vezes até mesmo discutem, dentro desses dois grupos maiores, segmentos que não se entendem. *Dividir e conquistar*, já diriam, espertos, Júlio César e Steve Bannon. Há conhecimento em toda parte, e temos apenas de reconhecer que a academia muda ou morre (Ovídio já demonstrou em seu longo poema a aparente contradição de que *apenas o que muda permanece*), e que os movimentos que querem abrir brechas no discurso antigo da academia devem, antes de tudo, preservá-la.

Agora é a hora de, reconhecendo as diferenças, saber que elas são importantes, mas não impossibilitam qualquer situação onde exista, como hipótese, o diálogo; justamente esse, que está desaparecendo rápido sob o programa fascista. É preciso agora haver união, e a universidade, como todos os demais setores da cultura, precisa contra-atacar rigorosamente com tudo o que tiver. Como disse várias vezes Chelsea Manning, transexual e ativista heroica, agora presa política do mesmo regime que prende Julian Assange,

e prende Lula e mata Marielle: é preciso modificar a própria estrutura da sociedade, que já não serve a ninguém.

Apesar das inúmeras diferenças de ponto de vista, cultura tem um lado só, e todos estamos nele para preservar nossos opostos, inclusive: Voltaire já dizia que não odiava ninguém, *pas même Fréron*. E Fréron era-lhe um chute nos ovos.